

O CULTO AOS SANTOS: ALGUMAS NOTAS PARA ENTENDIMENTO
SAINTS' WORSHIPPING: SOME NOTES FOR AN UNDERSTANDING

Júlio César Tavares Dias¹

"Deus é admirável em seus santos.
Ele dá luz e força ao seu povo"
Salmos 67,36

RESUMO

Aqui nós pretendemos discutir sobre a ideia de santidade, bem como sobre as raízes históricas da devoção aos santos. Compete-nos verificar que os santos foram tomando lugar basilar na religiosidade católica, servindo de exemplos para os fiéis que com eles criam vínculos de familiaridade, muitas vezes por passarem pelos mesmos sofrimentos que eles passaram.

Palavras-chave: Santidade. Devoção. Religiosidade. Catolicismo.

ABSTRACT

Here in this paper we aim to discuss the idea of holiness, as well as the historical roots of devotion to saints. We must verify that the saints took a basilar place in Catholic religiosity, serving as examples to the faithful with whom they create links of familiarity, often by passing through the same sufferings which they did.

Keywords: Sanctity. Devotion. Religiosity. Catholicism.

¹ Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP. Bacharel em Filosofia pela UFPE. Licenciado em Letras pela UPE. E-mail: juliocesartdias@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Conforme Vauchez (1987), o conceito de santidade se faz presente em grande parte das religiões, caracterizando-se tanto uma ruptura² com aspectos da condição humana, como a possibilidade de se estabelecer uma relação específica com o sagrado³, cujas consequências são de efeito purificador. Assim, é preciso logo de início frisar, não pretendemos trazer aqui um conceito amplo de santidade que sirva a várias religiões, mas verificar como a santidade tem sido entendida no seio do mundo católico: "No conceito católico e ortodoxo, os santos teriam atingido certa posição, dentro da comunhão dos santos, que os qualifica para serem mediadores de seus irmãos menores" (CHAMPLIN, 2013, vol. 6, p. 89).

Além disso, convém lembrar que o conceito de santidade⁴, como todo conceito, é histórico, por isso, passível de mudanças com o decorrer da história, assim poder-se-ia falar de *santidades* ao invés de *santidade*:

O destaque de um determinado modelo de santidade é histórico e revela uma série de manifestações, gestos e palavras, traduzindo representações coletivas, gestos e palavras integradas por crenças e práticas coletivas, conectando o indivíduo a determinado grupo, o que nos fornece elementos para compreensão dos modelos de santidade atuais (ANDRADE, 2010, p. 133).

Como para todas as coisas, a própria concepção do que é a santidade evolui no curso do tempo. No contexto desta evolução se impõe um fio condutor, uma linha de fundo: os santos são sempre aqueles que, a partir de sua experiência de Deus, têm respondido aos desafios dos tempos e culturas⁵ (BINGEMER, QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 12, tradução livre).

²“A santidade foi muitas vezes identificada com a negação do mundo, do corpo, da história” (BINGEMER; QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 12, tradução livre). (“La santità è stata molte volte identificata con la negazione del mondo, del corpo, dela storia”).

³ Aliás, santidade não se aplica apenas a pessoas, mas também pode ser associada a lugares e objetos. Conforme nota da Bíblia de Jerusalém (BJ) a Levítico 17, "A santidade é um dos atributos essenciais do Deus de Israel (cf. Lv 11,44.45; 19,2; 20,26; 21,8; ,32s). A ideia primeira é a de separação, de inacessibilidade, de transcendência que inspira temor religioso (Ex 33,20+). Esta santidade se comunica àquele que se aproxima de Deus ou lhe é consagrado: os lugares (Ex 19,12+); as épocas (Ex 16,23; Lv 23,4) a arca (2 Sm 6,7+), as pessoas (Ex 19,6+); especialmente os sacerdotes (Lv 21,6), os objetos (Ex 30,29; Nm 18,9) etc".

⁴ O conceito de santidade teria surgido primeiramente relacionado ao culto, portanto, "a noção de santidade se liga à pureza ritual: a "lei de santidade" é igualmente a "lei de pureza". Contudo, o caráter moral do Deus de Israel espiritualizou essa concepção primitiva: a separação do profano se torna abstenção do pecado, e à pureza ritual se une a pureza de consciência" (nota da BJ à Lv 17).

⁵ “come per ogni cosa, la concezione stessa di quel che è la santità evolvendosi nel corso dei tempi. Nel contesto di tale evoluzione s’impone un filo conduttore, una linea di fondo: i santi sono sempre stati coloro che, a partire dalla loro esperienza di Dio, hanno risposto al les fidei dei tempi e delle culture”

Logo de início, o *Editoriale* da Revista *Concilium* lembra que a palavra santidade lig-se de imediato à ideia de caridade⁶ (BINGEMER, QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 11), e sendo assim, “santidade já está presente desde a criação” pois “somos criados com amor e por amor” e também “toda a criação já está embebida deste amor que é o constituinte último do que chamamos santidade”⁷ (BINGEMER, QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 13, tradução livre). Seguindo esse pensamento, a encarnação de Cristo é vista como cume e ápice da criação, e, conseqüentemente, como expressão maior da santidade. A encarnação e vida de Jesus nos levam a entender ser santo como viver em Deus, “porque ele está no seio do Pai” (João 1,18).

O final do Credo fala da comunhão dos santos⁸ e podemos entender a “comunhão dos santos como mistério da solidariedade”⁹ (BINGEMER; QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 14, tradução livre) entre a igreja¹⁰ militante (os cristãos ainda vivos que passam “gemendo e chorando neste vale de lágrimas”¹¹) e a igreja triunfante (os cristãos que havendo morrido já estão na “glória” junto a Deus).

Assim, se “Todos nós, crentes, desfrutamos de certa comunhão espiritual com os irmãos que ainda militam na terra e com os irmãos triunfantes no céu”, então, “Essa comunhão, naturalmente, envolve o Pai, o Filho, o Espírito Santo, e até os anjos bons” (CHAMPLIN, 2013, vol. 6, p. 89), e se a igreja triunfante está junto ao Filho de Deus, “o convívio com os santos nos une a Cristo, fonte e cabeça de que provêm todas as graças e a própria vida do povo de Deus” (Lumen Gentium).

É verdade que “Alguém poderia argumentar, dizendo que esses santos estão mortos. Mas nós diríamos que, em Cristo, a morte foi vencida” (SILVA & CARMO, 2013, p. 24). A prática de pedir a intercessão dos santos surge então como um desdobramento natural da doutrina da comunhão dos santos, “Assim, lá pelo século IV d. C., vários padres e Cirilo de Jerusalém encorajavam aos fiéis a pedir que os ‘santos’ intercedessem por eles, diante de Deus” (CHAMPLIN, 2013, vol. 6, p. 90). O tipo de morte deles, ou seja, em nome da fé, fá-los mais próximos de Deus, desfrutando intimidade com Deus, o mártir era visto como o “amigo de Deus”, e essa intimidade da qual desfrutava era a origem de sua habilidade de interceder e proteger seus co-servos vivos (BROWN, 1982, p. 6).

⁶ “Em seu sentido mais amplo e mais alto, caridade inclui amor de Deus e também amor humano”. (In its widest and highest sense, charity includes love of God as well as love of man (CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, tradução livre)).

⁷ “la santità è già presente fin dal la creazione”, pois “siamo creati nell’amore e per l’amore” e também “tutto il creato è già imbevuto di questo amore che è l’elemento costitutivo ultimo di cio che chiamiamo santità”.

⁸ Lemos no Catecismo da Igreja Católica: “946 Depois de ter confessado ‘a santa Igreja católica’, o Símbolo dos Apóstolos acrescenta ‘a comunhão dos santos’. Este artigo é, de certo modo, uma explicitação do anterior: ‘Que é a Igreja, se não a assembléia de todos os santos?’, comunhão dos santos é precisamente a Igreja. 947 Uma vez que todos os crentes formam um só corpo, o bem de uns é comunicado aos outros... Assim, é preciso crer que existe uma comunhão dos bens na Igreja. Mas o membro mais importante é Cristo, por ser a Cabeça... Assim, o bem de Cristo é comunicado a todos os membros, e essa comunicação se faz por meio dos sacramentos da Igreja. Como esta Igreja é governada por um só e mesmo Espírito, todos os bem que ela recebeu se tornam necessariamente um fundo comum”.

⁹ “comunione dei santi come misterio di solidarietà”.

¹⁰ “O termo igreja é o termo empregado nas línguas teutônicas para referir-se ao grego ekklesia (ecclesia), o termo pelo qual os escritores do Novo Testamento denotam a sociedade fundada por Jesus Cristo”. (The term church is the name employed in the Teutonic languages to render the Greek ekklesia (ecclesia), the term by which the New Testament writers denote the society founded by Jesus Christ (CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, tradução livre)).

¹¹ Parte da oração Salve Rainha.

O catolicismo tem três atos de veneração¹²: a *adoração*, que é dada somente a Deus (“Ao Senhor, teu Deus, adorarás”); a *hiperdulia*, veneração especial dada a Maria¹³, por ser a mãe do Salvador; e a *dulia*¹⁴ (proveniente do grego, este termo significaria *honrar*), que é a veneração prestada a todos os santos¹⁵ (CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, 2012), e também aos anjos¹⁶.

A devoção aos santos deve-se ao fato de que “A figura de Deus, criador de grandes coisas, é distante demais da realidade humana, daí a incessante busca de um intermediador” (ANDRADE, 2010, p. 134), os santos são sentidos como mais próximos dos seres humanos e suas necessidades, “Quanto mais personificado for o transcendente, maior o sentimento de identificação a um projeto de salvação” (ANDRADE, 2010, p. 135), por isso, “A fé na sua intercessão junto à divindade (...) é uma das maiores características do catolicismo” (ANDRADE, 2010, p. 133).

Se a vida humana só se faz realmente humana pela busca e construção de sentidos, as vidas dos santos são um testemunho “vivo e eloquente (...) de um Absoluto

¹² “No sentido religioso, é a atitude de profundo respeito e mesmo de culto, devida às pessoas e coisas sagradas. A Deus e às Pessoas divinas, a v. é de adoração; a Nossa Senhora, de culto especial (hiperdulia); aos santos, de *dulia*. E ainda são dignas de v. as imagens, relíquias, alfaias e demais coisas afectas ao culto” (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR). Assim, explica-se que os católicos não adoram *imagens*, mas as veneram.

¹³ “The cult of the most important saint, Mary, has been the source of great controversy with Protestant denominations, especially after the papal declarations of the Immaculate Conception in 1854 and the Assumption in 1950. As the mother of Jesus (Greek *Theotokos*, “God-bearer”), Mary has long been accorded special devotion by Catholics and other Christians” (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA).

¹⁴ Conforme explica a CATHOLIC ENCYCLOPEDIA (2012) *latria* seria a adoração que é exclusiva de Deus e *dulia* essa veneração de que é digna a memória de alguns homens. No verbete *culto* da Enciclopédia Católica Popular lemos que “As imagens e relíquias é prestado um culto relativo, que tem por termo as pessoas a que se referem” (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR). Já no verbete relíquias, lemos sobre as tensões que esse culto sofreu, pois “O desejo muito generalizado de possuir relíquias levou ao comércio de falsas relíquias, que a Igreja sempre condenou, com sucesso relativo, o que deu argumentos às críticas dos reformadores protestantes, levando o Conc. de Trento a defender o culto das r., mas com a condição de serem autênticas ou de serem autenticadas” (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR).

¹⁵ Other devotions involve the cult of the saints, a practice of great antiquity repudiated by the Reformers of the 16th century as a denial of the total mediation of Christ. Although this objection oversimplified Catholic practice, the devotions did sometimes approach superstition. Since the Second Council of Nicaea in 787, Catholic theologians have distinguished (by Greek technical terms) the worship paid to God (*latria*, “adoration”) from the veneration addressed to Mary (*hyperdulia*, “super-service”) and the saints (*dulia*, “service”). The Roman Catholic understanding of the intercession of the saints is an extension of the belief in the communion of saints. Although such veneration does tend to multiply mediators, it has often fostered a simple and not unpleasing familiarity with the world of the supernatural. (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA)

¹⁶ “Ocasionalmente, os anjos são chamados 'santos'. (...) É mister observar que aquilo que essa doutrina diz acerca d 'santos' há muito vinha sendo a doutrina normal referente aos anjos. O ministério angelical certamente inclui o tipo de ajuda que certos homens buscam da parte dos 'santos'” (CHAMPLIN, 2013, vol. 6, p. 89). O dia 29 de setembro é dedicado a São Miguel e a todos os anjos. Sobre os anjos lê-se na Bíblia: “Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor dos que hão de herdar a salvação?” (Hebreus 1,14). A oração do Santo Anjo da Guarda (crença baseada no Salmo 34,7: “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem”) é aconselhada ser feita sempre antes de deitar-se. Já a oração de São Miguel Arcanjo é considerada uma reza forte para se resistir a tentações e ataques do Maligno: “São Miguel, defendei-nos na batalha”. Essas duas orações nos mostram a importância dos anjos para a religiosidade católica. Na Bíblia há referência a intercessão dos anjos no livro de Jó 5,1 e 33,23-24. Em Jó 5,1 Elifaz questiona ironicamente a Jó: “Grita, para ver se alguém te responde. A qual dos santos te dirigirás?”. Assim, “se os próprios anjos são julgados por Deus, de nada serve contar com seu apoio contra Deus”, no entanto a pergunta de Elifaz “supõe precisamente o hábito de recorrer à intercessão desta natureza que poderia ter remotas ligações politeístas: o deus do indivíduo intervinha na assembleia dos deuses para defender seu cliente” (nota da BJ à Jó 5,1, p. 807).

que dá sentido a vida humana finita e contingente”¹⁷ (BINGEMER; QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 12, tradução livre). A santidade “por isto é um tema que está reemergindo e que interpela a teologia de hoje e de amanhã, quando a sede de transcendência e de sentido da vida torna-se cada vez mais intensa na existência e nos corações dos nossos contemporâneos”¹⁸ (BINGEMER; QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 12,13, tradução livre). Comum se faz, então, homenagear os santos com ícones¹⁹, pinturas, estátuas, sendo que no catolicismo, da mesma forma que é impossível imaginar o cristianismo sem pecadores, também é impossível vivê-lo²⁰ sem referência aos santos (WOODWARD, 1992).

Os vários estereótipos criados sobre a santidade “impede-nos de ver o verdadeiro conceito teológico em toda a sua profundidade”²¹ (BINGEMER; QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 11). No *editoriale* da revista *Concilium* (BINGEMER; QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 11, tradução livre) também lemos que

A Bíblia e a tradição teológica dos primeiros séculos já deixou bem claro que só Deus é santo (cf. Is 6,3); que Jesus Cristo foi reconhecido e proclamado mesmo pelos demônios como o Santo de Deus (cf. Lc 4,34); e que com a sua morte e ressurreição enviou o Espírito Santo, que é derramado sobre toda a história e sobre toda a carne (At 2,16-18; Gv 20,22.23)”²²

Assim, santidade deve ser conceituada como “o estilo de vida proposto a todo ser humano: *o estilo de vida de Jesus*”²³ (BINGEMER; QUEIRUGA & SOBRINO, p. 11, tradução livre, grifo nosso), e os santos são no fundo os cristãos “que levam a sério. Eles

¹⁷“vive ed eloquenti (...) di um Assoluto che dà senso a vite umane finite e contingenti”

¹⁸“per questo è un tema che stari emergendo e che interpela la teologia di oggi e de domani, quando la sete di trascendenza e di senso dela vita diventa sempre più intensa nelle esistenze e nei cuori dei nostri contemporanei”

¹⁹“Pintura típica da arte sacra bizantina representando sobretudo J. C., Ma-ria (com o Menino), Anjos e Santos. Tem como características o suporte de madeira, a ausência de perspectiva e as figuras estáticas e hieráticas” (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR).

²⁰ Claro que durante a história a ênfase na devoção aos santos e anjos varia de tempos em tempos: por exemplo, “Cada vez mais, durante os séculos XIV e XV, homens e mulheres na Europa faziam de outros seres humanos o centro de sua vida espiritual (...). Aumentou o culto medieval de Maria e dos santos (...). O entusiasmo pelas relíquias e lugares santos desviou os cristãos ocidentais da única coisa necessária. As pessoas pareciam concentrar-se em qualquer coisa, *menos* em Deus” (ARMSTRONG, 1994, p. 276, grifo da autora), no entanto, “Durante a Reforma, reformadores *católicos* e protestantes exortavam os fiéis a livrar-se da devoção periférica a santos e anjos e a concentrar-se apenas em Deus”, esse apelo podia encontrar eco mesmo nos anseios do laicato, “Os leigos se achavam especialmente insatisfeitos com as formas medievais de religião, que não mais respondiam às suas necessidades no admirável mundo novo” (ARMSTRONG, 1994, p. 260, grifo nosso). Após o Concílio Vaticano II também a Igreja Católica passou por várias transformações, atingida que ela foi pelos processos de racionalização e secularização, o que levou a “esvaziar” as igrejas das suas muitas imagens. A recomendação é que as imagens se restringissem às do santo padroeiro daquela igreja, da virgem Maria, e de Nosso Senhor Jesus Cristo. O universo católico habitado por santos e anjos é resistente à secularização. Assim, se intensificam as tensões entre o catolicismo do povo e o do Concílio. Entender essas mudanças no seio da própria instituição católica é importante para percebermos mudanças nas devoções (na de Cosme e Damião, em particular) não se devem somente, como mostraremos ainda, às tensões e contatos com outras religiões.

²¹“impediscono de vedere neil vero concetto teologico in tutta la sua profondità”.

²²“La Bíblia e la tradizione teologica dei primi secoli hanno messo bene in chia roche solo Dio è santo (cf. Is 6,3); che Gesù Cristo fu riconosciuto e proclamato persino daí demoni come il Santo de Dio (cf. Lc 4,34); e che com la sua morte e risurezione ha inviato lo Spirito santo, che è stato effuso su tutta la storia e su ogni carne (At 2,16-18; Gv 20,22.23)”.

²³“lo stile di vita proposto a ogni essere umano: lo stile di vita de Gesù”.

são aqueles que em suas vidas, em suas palavras, em sua prática, em seu anúncio e em sua decisão de assumir riscos em seu destino, se assemelham a Jesus^{24,25} (BINGEMER; QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 16, tradução livre).

Se Deus é o único santo (1 Samuel 2,2), e se Jesus Cristo é o Santo de Deus (Marcos 1,24), os santos não podem ter santidade em si mesmos, têm-na em Deus; assim, a vida dos santos e as suas obras não apontam para si mesmos, como forma de exaltação própria, mas, como o fez João Batista (João 1,29), apontam para Jesus: “que Ele cresça e que eu diminua” (João 3,30).

Nos inícios do cristianismo, o termo “santo” (que significa separado) era usado de forma geral para se referir aos cristãos. Para se verificar isso basta dar uma olhada rápida nas saudações das epístolas (1 Coríntios 1,2 e Efésios 1,1, e.g.). Com o tempo, esse termo passou a designar as pessoas na comunidade cristã dignas de admiração por alguma virtude ou feito particular.

O problema, como coloca Bárbara Lucas (1969, p. 417) ocorre porque “com o tempo, grande número de lendas (...) começou a envolver alguns dos santos”, como resultado disso, “a Igreja decidiu que no futuro só se deveriam aceitar como santas as pessoas que fossem formalmente declaradas como tais pelo Papa²⁶. Dá-se a isso o nome de Canonização”. Em 375 d. C. a Igreja Católica criou o dogma da canonização. O processo visa constatar se o candidato possui uma “virtude verdadeiramente heróica” (LUCAS, 1969, p. 418, *sic*).

Assim, o processo de canonização assegura à Igreja o *poder dizer* quem é ou não santo. Na verdade, ao canonizar um santo a igreja também *canoniza* a si mesma, pois

O modelo de uma igreja é do tipo dos santos que ela canoniza, pelo momento que o santo é proposto para inspiração e imitação dos fiéis. Nos santos que a igreja canoniza ou evita de canonizar é expresso o modelo eclasiológico que se deseja manter e construir. E também o seu projeto de impacto e de influência sobre a sociedade²⁷ (BINGEMER; QUEIRUGA & SOBRINO, 2013, p. 14, tradução livre).

Para que seja incluída uma pessoa no catálogo ou cânon dos santos, ou seja, para que seja canonizada, “a pessoa precisa ter sido beatificada²⁸ e ter pelo menos dois de seus milagres confirmados através de investigação. Nenhuma pessoa viva pode ser canonizada” (CHAMPLIN, 013, vol. 6, p. 88). Porém, no que diz respeito à veneração

²⁴ A própria denominação *cristãos* foi dada aos primeiros discípulos de Jesus pejorativamente como que os chamassem de *cristinhos* (Atos 11,26). “Ao criarem esta alcunha, os gentios de Antioquia tomaram o título de “Cristo” (Ungido, Messias) por nome próprio” (nota da BJ à At 11,26).

²⁵ “che si prendono sul serio. Sono coloro che nella loro vita, nella loro parola, nella loro prassi, nel loro annuncio e nella loro decisione di correre rischi, nel loro destino, assomigliano a Gesù”.

²⁶ ““Papa” era, no grego clássico (Pappas), o tratamento in-fan-til dado ao pai. Nos primeiros séculos do Cristianismo assim se tratavam as pessoas de reconhecida espiritualidade (bis-pos, aba-des...). No séc. IV, o Bispo de Roma já era tratado por “Papa Urbis” (Papa da Cidade de Roma). No séc. VI, o nome de Papa reservou-se ao Bispo de Roma” (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR). Se a história da Igreja Católica Romana, por vezes, confunde-se com a própria história do Ocidente, devemos pensar os papas como personagens protagonistas, “Entre santos e pecadores, mais de 260 homens estiveram à frente da Igreja, desde seus tempos de clandestinidade, durante o império romano, até os conectados e globalizados dias de hoje” (TODOS OS PAPAS).

²⁷ “il modelo di una chiesa è dal tipo di santiche essa canonizza, dal momento che il santo è proposto a ispirazione e imitazione dei fedeli. Nei santi che la chiesa canonizza o evita di canonizzare è espresso il modello eclasiológico che si vuole mantenere e costruire. E anche il suo progetto di impatto e di influenza sulla società”.

²⁸ Ou seja, declarada “uma pessoa ‘bendita’, com o direito de receber honras religiosas públicas” (CHAMPLIN, 2013, vol. 1, p. 478).

que o povo faz dos santos, “fica difícil detectar o limite entre o institucional e o não institucional por se tratarem de expressões complexas, nas quais o devoto acredita estar vivendo sua religião, sem a preocupação dela estar ou não sancionada pela instituição” (ANDRADE, 2010, p. 132, 133). Ainda conforme Andrade (2010, p. 134):

Os primeiros, consagrados pela Igreja, resultam de toda a uma organização racional, enquanto os segundos são fruto de um processo místico e emocional, que se expande, apesar dos protestos e das tentativas de controle institucionais, pois para os adeptos os trâmites de beatificação e canonização são desconhecidos e, mais do que isso, totalmente dispensáveis. Aquele que crê, crê na eficácia protetora do ‘santo’, é nele que deposita sua esperança – independente do posicionamento da Igreja – e isso lhe basta.

Camurça (2006, p. 257) considera que devoção é um “conceito e prática que no Brasil remete fundamentalmente ao contexto católico”. Camurça divide as devoções no Brasil entre aquelas populares e as canônicas,

as primeiras desenvolveram-se em torno do culto aos santos (...). As segundas delimitadas pelas diretrizes do Concílio de Trento (...) A devoção no primeiro contexto se passa em ambiente leigo e social, onde o papel do clérigo é complementar. (...) No segundo contexto, a devoção toma forma de total fidelidade à estrutura da Igreja, ao papa e ao clero (CAMURÇA, 2006, p. 258).

Quanto às honrarias católicas dos santos e o próprio processo de canonização, tem sido invocado muito para explicar-lhe a origem a heroização que os romanos faziam de seus entes falecidos: “tais crenças eram largamente tributárias aos usos tradicionais por meio dos quais os pagãos honravam seus defuntos e especialmente aqueles que criam promovidos à heroização” (DANIELOO & MARROU, 1966, p. 320). Brown (1982, p. 5) considera que se deve traçar com cautela paralelos entre o culto cristão dos santos e os seus antecedentes pagãos²⁹ para a partir destes querer entender aqueles, porque “o pagão encontrava-se ele mesmo em um mundo onde seu mapa familiar de relações entre o humano e o divino, os mortos e os vivos, tinha sido subitamente redesenhado”³⁰. Critica a tentativa de considerar o culto aos santos como herança pagão, porque as práticas e crenças cristãs quanto a memória de seus mortos tomou lugar dentro de uma estrutura totalmente diferente de relações entre Deus, os mortos e os vivos (BROWN, 1982, p. 6). Contudo, pode-se apontar também como precedente da devoção cristã aos santos, o cuidado que tradição judaica se dava a memória dos falecidos.

Era dever dar aos mortos sepultura decente (2 Sm 21,10-14; Tb 1,17-18). “Põe com largueza teu pão e teu vinho sobre o túmulo dos justos” (Tb 4,17), assim a Tobias aconselha seu pai Tobit, de cuja morte lê-se que “ele morreu e foi sepultado com veneração” (Tb 14,11). Já o livro de Eclesiástico aconselha “mesmo aos mortos não recuses tua piedade” (Eclo 7,33), sendo que “surgiu também a preocupação de oferecer por eles preces e sacrifícios (2 Mc 12,38-46)” (nota da BJ à Eclo 7,33, p. 1155). Eclo 44,1-15 faz o convite para lembrar sempre dos antepassados, daqueles que tiveram uma vida digna e cuja sabedoria deve ser proclamada. Comentando esse texto Silva e Carmo (2013, p. 25) afirmam que “Esse texto ajuda a entender o sentido da veneração que

²⁹ Brown (1982, p. 7) também lista as reações pagãs contra o culto dos mártires.

³⁰ Tradução minha. “the pagan found himself in a world where his familiar map of the relations between the human and the divine, the dead and the living, had been subtly redrawn”.

prestamos aos santos de nossa Igreja. Os santos são nossos antepassados e fizeram coisas grandiosas, dignas de admiração. Agora, estão junto de Deus, na vida eterna. São parte da história de nossa Igreja e da fé que ela professa".

Contudo, é certo que ainda que “os túmulos santos existiram tanto no Judaísmo quanto no Islam [...] o poder dos mortos santos nunca coincidiu ao grau que eles tiveram na Europa ocidental”³¹ (BROWN, 1981, p. 10).

Uma das críticas recorrentes ao culto dos santos é que teria sido resultado da conversão em massa de pagãos ao cristianismo, que teriam acontecido com a conversão de Constantino e o estabelecimento do cristianismo como religião oficial, o que haveria ocasionado certa degenerescência ao cristianismo, teriam forçado as mãos dos líderes da Igreja a aceitar uma larga variedade de práticas pagãs, especialmente em relação ao culto dos santos, fazendo surgir inclusive o culto dos ícones (BROWN, 1981, p. 18). Essa crítica está baseada na suposição de que haja a dicotomia clara entre religião popular e religião das elites, suposição defendida por Hume em sua História Natural da Religião (BROWN, 1981, p. 13). A opinião de Brown (1981, p. 19) sobre isso é que, ainda que haja no cristianismo *dogmas*, como o da Trindade, cujo acesso é difícil aos *iletrados*, na área da vida que diz respeito a *prática* religiosa diferenças de classe e educação não desempenham função significativa, aliás, ele cita o historiador Arnaldo Momigliano, os historiadores do quarto e quinto séculos nunca trataram alguma crença em particular como característica das massas e conseqüentemente desacreditadas entre as elites. Concordamos com Brown, ainda que acreditemos que a definição de religião ou religiosidade popular tenha seu valor e seu alcance, sabemos que não é possível efetuar um corte absolutamente preciso entre o que é popular e o que não é.

As mortes violentas decorridas das perseguições entendemos uniam os cristãos em torno de um grande sentimento de comoção que os fazia relembrar constantemente as virtudes dos falecidos, e assim, heroicizá-los. Assim, "A veneração aos santos é uma forma de valorizar a história de nossa Igreja, tratando com honra e dignidade as pessoas que se dedicaram ao seguimento de Cristo, fazendo com que a fé chegasse até nós" (SILVA & CARMO, 2013, p. 25), de forma que “os primeiros cultuados como santos foram os mártires” (ANDRADE, 2010, p. 134).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Solange Ramos de. O Culto Aos Santos: A Religiosidade Católica e Seu Hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano III, n. 7, Maio 2010. p. 131-145. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>> Acesso em: 12/10/2013.
- ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM**. 8ª imp. São Paulo: Paulus, 2012.
- BINGEMER, Maria Clara L.; QUEIRUGA, André T. & SOBRINO, Jon. Editoriale. Santi e santitàoggi. Per rivisitare concetti, stereotipi e modelli. **Concilium – Revista Internazionale di Teologia**, n. 3, anno 49°, Ed. Queriniana, Luglio 2013. Disponível em: <<http://www.queriniana.it/PDF/CNC034100.pdf>> Acesso em: 14/10/2013.
- BROWN, Peter. **The Cult of the Saints**. Chicago: The Chicago University Press, 1982.
- CAMURÇA, Marcelo. As Muitas Faces das Devoções: das romarias e dos santuários ao turismo, ao marketing religioso e aos altares virtuais. **FRAGMENTOS DE CULTURA**, Goiânia, v. 16, n. 3/4, mar/abr 2006. p. 257-270.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. Disponível em: <<http://www.dicionariodafe.com/>>

³¹ Tradução minha: “Thus, holy graves existed both in Judaism and in Islam [...] the power of the holy dead never coincided to the degree to which they did in western Europe”.

Acesso em: 23/11/2013.

CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Disponível em:

<<http://www.newadvent.org/cathen/05001a.htm>> Acesso em 04/10/2013.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia.** Vol. 6. 11ª ed. São Paulo: Hagnos, 2013.

DANIELOO, Jean & MARROU, Henri. Dos Primórdios a São Gregório Magno. **NOVA HISTÓRIA DA IGREJA.** Petrópolis: Vozes, 1966.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Disponível em: <http://www.global.britannica.com>

ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR. Editora Paulinas. Disponível em:

<<http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>> Acesso em: 23/11/2013.

LUCAS, Barbara. Grandes Santos e Figuras Veneráveis. **NOVA**

ENCICLOPÉDIACATÓLICA. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1969.

LUMEN GENTIUM. Encíclica. Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html> Acesso em: 15/09/2014.

SILVA, Orione & CARMO, Solange Maria do. Os santos e as imagens na religiosidade popular. **Vida Pastoral,** Paulus, março-abril de 2013 – ano 54 – número 289. p. 21 - 32.

TODOS OS PAPAS. In: <<http://oglobo.globo.com/infograficos/todos-os-papas/>> Acesso em: 30/11/2013.

VAUCHEZ, André. Santidade. In: **Enciclopédia Einaudi.** V. 12. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

WOODWARD, Keneth. **A Fábrica de Santos.** São Paulo: Siciliano, 1992.